

# Zé Celso ataca agora com Bacantes

Lina de Albuquerque

**S**ÃO PAULO — Durante dois dias, o jovem feiticeiro cinqüentão Zé Celso Martínez Corrêa comandou um verdadeiro bacanal antropofágico no futuro Teatro Oficina, no coração do velho Bixiga, para escolher o elenco de sua adaptação de *As bacantes*, peça escrita por Eurípedes (440 a.C.) no final de sua vida, num momento de fascinação e repulsa pela alegria e fertilidade do deus pagão.

Mais de 500 candidatos a bacantes integraram essa tribo eufórica, puxada pelo cordão incansável de Zé Celso e 10 corifeus, e gravada pelas câmeras inquietas de jovens videomakers também contaminados pelo ritual dionisíaco. Mas de todos os participantes da dança das tardes friorentas de segunda e terça-feiras, ficarão apenas 25 pessoas, cuidadosamente selecionadas pela intuição e outros sentidos de Zé Celso, para integrar o coro dessa "ópera de carnaval elektrocandomblaica", nas palavras do diretor.

Na próxima semana, as crianças é que entrarão na dança, certamente motivadas pelos remelexos e energia daquele avô sempre endiabrado. Até a estréia, no próximo dia 26 de novembro, a "oficina uzuna uzona" se transformará num terreiro eletrônico cheio de monitores de vídeo e outras parafernálias. Lina, Bo Bardi e Edson Elito darão, segundo Zé Celso, um show visual com a criação de cachoeiras e carros alegóricos. Espera-se que os atores e público, retomada a idéia do antigo Oficina, se fundam numa coisa só, já que não se



*A escolha do elenco teve cenas dignas do nome da peça de Eurípedes*

pretende separação entre palco e plateia, coxias e cabines.

— Não escolhemos a peça, *As bacantes* é que nos escolheram para ressuscitarmos o teatro — inflama-se Zé Celso, que, junto de Katherine Hish, Marcelo Drummond e Denise Assumpção (esta última considerada por ele como "a melhor atriz do mundo"), recriou a "tragikomediaorgia", embalado pelo estilo de Oswald de Andrade e Nelson Rodrigues, seus mestres insuperáveis.

Envolvido com o texto desde 83, só nessas últimas comemorações do Natal

e Ano Novo, passados em São Paulo e na praia de Copacabana respectivamente, Zé Celso e seus amigos compuseram a linha melódica do nascimento de Dionísio e Zeus. Os 25 ritos (cantos de "tirambos": criados durante os transe da festa dionisíaca) perfazem, segundo ele, uma iniciação aos mistérios do teatro. E são justamente esses mistérios que quer reviver:

— Nesta época de pobreza criativa, Dionísio é invocado para mostrar um ciclo renovador — diz o diretor do irreverente *O rei da vela*.

Zé Celso adora falar sobre o "eterno presente" materializado pela encenação teatral. Quando o deus Dionísio baixar em novembro, muita gente vai identificar, garante, o Brasil não com ele, mas com o primo Penteu, que quer, a todo o custo, impedir o ritual do teatro, a festa sempre inaugural dos sentidos.

— Mas não é só aqui que o teatro está morto — adverte. — Precisamos revitalizá-lo em toda a parte.

E já sonha em montar seu espetáculo na Grécia.